

Carta Convite

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens
que vi sentados na terra escovando osso.
No começo achei que aqueles homens não batiam bem.
Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso.
Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos.
E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. (...)
Logo pensei de escovar palavras.

MANOEL DE BARROS

“Li mais livros de arqueologia do que de psicologia”, declarou Freud ao escritor Stefan Zweig em uma correspondência de 1931. De fato, sua paixão pelo tema se manifesta não apenas na coleção de antiguidades que reuniu, mas, sobretudo, no modelo arqueológico que atravessa toda a sua obra. O uso desse modelo na construção do pensamento psicanalítico assinala o paradoxo de “recuperar e articular o que permanece vivo — na verdade, imortal — e continua a determinar nossa humanidade, ainda que pareça morto, enterrado e perdido para sempre, permanentemente esquecido.” (Kuspit, 1994, p.160).

Entretanto, Freud reconhece que o objeto psíquico não coincide inteiramente com o objeto arqueológico, inserindo na bifurcação entre eles sua concepção de “construções”, recurso que confere representação ao que se encontra inacessível. Os caminhos entre os dois campos parecem se reaproximar em tendências contemporâneas da arqueologia, na medida em que essas passam a privilegiar menos a descoberta de novos fatos ou artefatos materiais e mais a reconstrução especulativa das relações entre eles.

Trata-se de uma posição que enraíza o trabalho arqueológico ao presente, pois a restituição imaginativa do passado só poderá ser realizada conforme as técnicas e as ferramentas conceituais disponíveis. Sendo o conhecimento objetivo do passado intangível, toda reconstrução histórica é feita sempre com base em questões e escolhas do presente, como observa Pontalis (1997/2024).

Nesse sentido, as reflexões atuais sobre o colonialismo — que têm motivado, por exemplo, a devolução de peças e coleções de grandes museus aos seus países de origem — suscitam reavaliações: quais seriam os limites que distinguem o amor à preservação da memória e a

mera pilhagem? Por outro lado, não seria o saqueador de túmulos um dos precursores do arqueólogo e da mentalidade científica, como sugere Bion (1974) em sua leitura do mito do Cemitério Real de Ur? Os motivos que orientam “escavações” podem, certamente, ser os mais diversos.

O amor, mencionado no poema da epígrafe, que vitaliza e ressignifica aquilo que o tempo encobriu, não cessa de promover expansões do agora, mas leva também à formulação de novas questões para o amanhã. Afinal, as arqueologias que transformam a compreensão do passado e a percepção do presente não carregariam, em seu cerne, sonhos de novos futuros? Enquanto método de captação e articulação de múltiplas temporalidades, que contribuições o modelo arqueológico poderia ainda oferecer para a compreensão do processo psicanalítico, da atitude analítica ou para o historicizar da psicanálise sobre si mesma?

Convidamos todos a enviar suas reflexões para a edição n. 80 da IDE. Essa edição marca os 50 anos da fundação da revista, data cujo tema proposto, “Arqueologias”, também visa homenagear. Os trabalhos devem ser encaminhados para ide@sbsp.org.br até o dia 29/08/2025.

Lembramos que a IDE aceita, em caráter permanente, o envio de artigos de tema livre e de resenhas. As orientações aos autores se encontram nas páginas finais da revista e no site da SBPSP.

Alexandre Socha (EDITOR)
Alessandra Susie Quesado Nicoletti
Bruna Paola Zerbinatti
Gilca Zlochevsky
Pedro Ernesto de Souza Sang
Rita Andréa Alcântara de Mello
COMISSÃO EDITORIAL



Referências

- Barros, M. (2003) Escova. In: *Memórias inventadas: a infância*. Planeta.
- Bion, W. R. (1974) *Conferências Brasileiras 1 — São Paulo/1973*. Imago.
- Pontalis, J-B. (2024) *Esse tempo que não passa*. Quina. (Trabalho original publicado em 1997)
- Kuspit, D. (1994) Uma metáfora poderosa: a analogia entre a arqueologia e a psicanálise. In: *Sigmund Freud e a arqueologia: sua coleção de antiguidades*. Salamandra.

DOI
10.5935/0101-3106.v47n80.02